

## Santa Margarida (Serpa) no contexto do Bronze Final do Sudoeste

Manuela de DEUS

*Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, IP*

Ana Sofia ANTUNES

*Câmara Municipal de Serpa*

António M. Monge SOARES

*IST/ITN, Universidade Técnica de Lisboa*

### RESUMO

O presente artigo pretende dar a conhecer os dados preliminares dos trabalhos de escavação arqueológica desenvolvidos em 2008 no núcleo 1 de Santa Margarida (Serpa), que corresponde a um sítio de planície localizado na margem esquerda do Guadiana.

Os trabalhos de campo permitiram identificar um

conjunto de estruturas negativas enquadráveis no Bronze Final e 5 sepulturas tardo-romanas e/ou islâmicas. O conjunto artefactual recolhido é genericamente enquadrável no Bronze Final do Sudoeste peninsular, com destaque para a coleção de cerâmicas de ornatos brunidos.

### ABSTRACT

This paper discusses the preliminary results from the archaeological excavations undertaken at Santa Margarida (Serpa), an archaeological site, apparently an open Late Bronze Age settlement, located on the plain at the left bank of the Guadiana river.

The field work identified a set of negative structures

ascribed to the Late Bronze Age and some Late Roman and/or Islamic graves. The uncovered material culture is mainly framed in the Southwestern Late Bronze Age, with emphasis on the large set of shards of pattern-burnished pottery.

## 1. INTRODUÇÃO

Em Santa Margarida, entre os barrancos da Carelinha e de Santa Ana, duas linhas de água subsidiárias da ribeira do Enxoé, não muito distante da foz deste rio no rio Guadiana, foram definidos, com base na dispersão dos testemunhos superficiais, três núcleos de ocupação, que se situam na zona aplanada de maior cota (ca. 140 m) (Fig. 1 e 2), separados entre si por cerca de cem a cento e cinquenta metros. No conjunto dos três núcleos, os vestígios materiais de superfície indiciam uma intensa ocupação do espaço em diferentes épocas, designadamente no Neolítico Final/Calcolítico Inicial,

no Calcolítico Pleno/Final, no Bronze Final, em época Tardo-Romana ou Paleocristã, para além de vestígios islâmicos e das épocas Moderna e Contemporânea (Soares, 2005, Dias e Soares, 1988-1989 e Tente e Soares, 2008).

O núcleo 1 de Santa Margarida implanta-se em área aberta, como já referido, numa ligeira elevação de cota reduzida, na freguesia de Santa Maria (Serpa), com as coordenadas geográficas 37° 57' 57" N; 7° 37' 54" W Gr (Fig. 1).

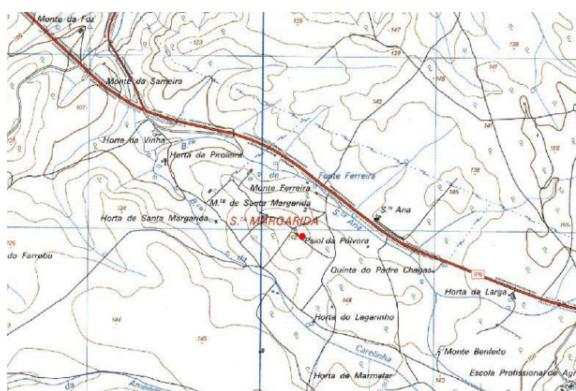


Fig. 1: Localização do núcleo 1 de Santa Margarida em excerto da folha 522 da CMP, à escala 1:25000



Fig. 2: Localização dos 3 núcleos de Santa Margarida. Vista de NE (Soares, 2005)

As primeiras referências a Santa Margarida na bibliografia arqueológica incidiram na sua ocupação tardo-romana, em virtude da recolha de superfície de *litteri* com a inscrição *ex officina Vincinti*, então estudados juntamente com os restantes exemplares conhecidos no Sul de Portugal (Dias e Soares, 1988-1989). Também a cronologia tardo-romana do núcleo 1 foi posteriormente conhecida através de uma pizarra visigótica com inscrição numérica, recolhida à superfície, cuja cronologia se situará entre o final do século V e meados de 700 (Tente e Soares, 2008).

Um conjunto cerâmico, atribuído ao Bronze Final, recolhido à superfície, em 1995, no núcleo 1 de Santa Margarida, o qual tinha sido recentemente lavrado por meios mecânicos pela primeira vez, foi publicado por um de nós (Soares, 2005). Nesse conjunto destacavam-se pela quantidade (mais de 2 centenas de fragmentos), estado de conservação e variedade decorativa, os exemplares decorados com ornatos brunidos. Esta situação justificou a integração do sítio num projecto de

investigação sobre o Bronze Final na margem esquerda do Guadiana elaborado e levado a cabo pelos autores. A realização da campanha de escavações, em 2008, teve como objectivo caracterizar este tipo de ocupação de planície, sem qualquer sistema de defesa aparente, confirmar o eventual carácter ritual deste sítio e das cerâmicas de ornatos brunidos e procurar obter uma cronologia absoluta para este tipo de cerâmicas e, por conseguinte, para este tipo de sítios arqueológicos.

No entanto, a propriedade onde se situa o núcleo 1, que tinha, entretanto, mudado de dono, foi objecto, nos finais de 2007 ou no início de 2008, de uma lavoura muito profunda, sem motivo aparente (dado que os novos proprietários queriam aí construir uma residência de férias), que provocou danos irreparáveis na estratigrafia que se devia ter conservado até essa altura. Com essa lavoura, deu-se o aparecimento à superfície de vários núcleos de manchas negras com elevada densidade de materiais cerâmicos, o que indicava a destruição que tinha ocorrido dos vestígios das cabanas, que seriam feitas de materiais perecíveis (como a ausência de

pedras também sugere). Por outro lado, deverá também notar-se que, aquando da realização das escavações arqueológicas, condicionantes impostas pela autorização dos proprietários não permitiram efectuar alguns

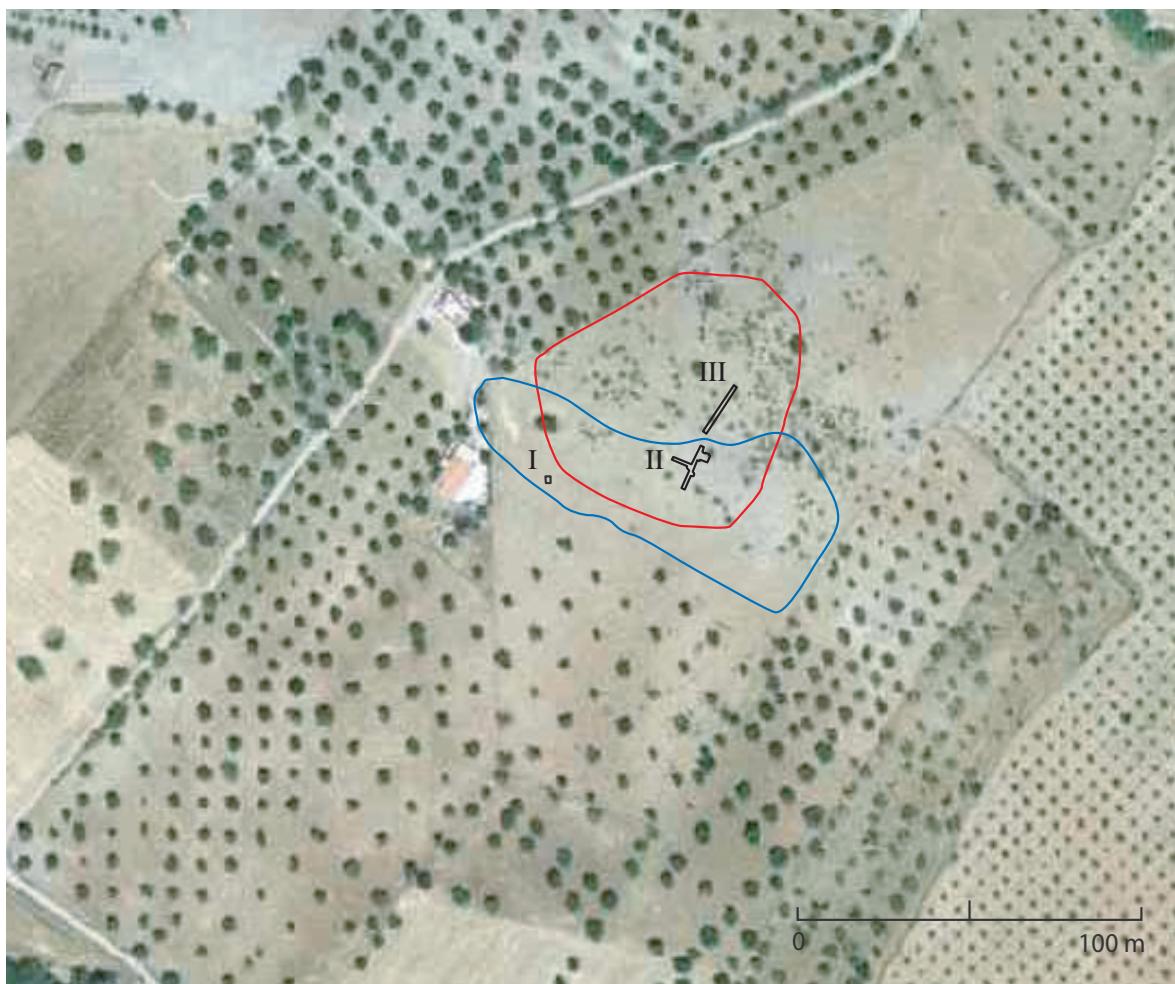
alargamentos das áreas de escavação, necessários para compreender as estruturas descobertas na sua totalidade e no conjunto da intervenção.

## 2. ÁREAS INTERVENCIONADAS E ESTRUTURAS IDENTIFICADAS

### 2.1 Áreas intervencionadas

Foram implantadas 3 sondagens arqueológicas, de dimensões distintas, em áreas onde, à superfície do terreno, se observavam concentrações de materiais

cerâmicos associadas a manchas de terra de cor mais escura, atrás referidas, e que indicavam a presença de prováveis níveis arqueológicos do Bronze Final (Fig.3).



- Mancha de materiais da Idade do Bronze
- Mancha de materiais tardo-antigos
- Sondagens

Fig.3: Localização das sondagens



Na sondagem I, de 2 x 2 m, não foram identificados contextos conservados e eram bem visíveis nos perfis os testemunhos do revolvimento provocado pela acção do arado que rasgou o substrato (Fig. 4).

Fig. 4: Sondagem 1. Note-se a alternância entre sedimentos de cor acastanhada escura e de cor bege, resultante da lavoura profunda ocorrida meses antes.

A sondagem II, com a dimensão de 20,5 x 1,8 m, englobou também áreas de maior concentração de manchas sedimentares escuras associadas a evidências artefactuais da Idade do Bronze, bem como parte do

topo Sul da elevação. A camada superficial foi decapada com recurso a meios mecânicos e foi ainda alvo de dois alargamentos perpendiculares, um no sentido Oeste (13 x 2 m) e outro no sentido Este (5 x 4 m).



Fig. 5: Vista de Este dos alargamentos Este e Oeste da sondagem II

A sondagem III parte do topo da elevação em direcção a Norte, sensivelmente no prolongamento da II, com o objectivo de averiguar da existência de vestígios da Idade do Bronze nessa zona, o que não veio a confirmar-se. Esta sondagem III, com as dimensões de 26 x 2 m, foi também decapada com meios mecânicos.

Registaram-se, apenas, 2 manchas de terra com materiais arqueológicos, atribuíveis à ocupação tardorromana e/ou islâmica, que foram registadas mas não foram intervencionadas por não se enquadrarem no âmbito cronológico e científico do projecto.

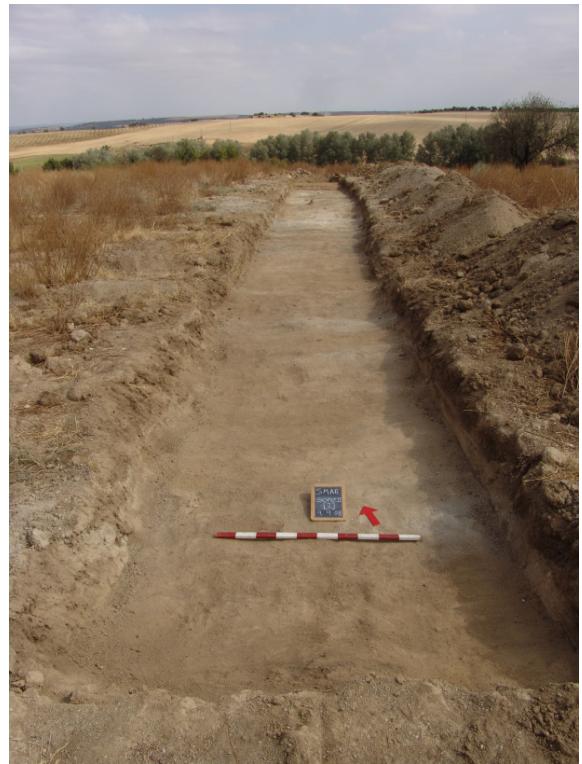


Fig. 6: Vista geral da sondagem III

Atendendo aos resultados das sondagens, a escavação arqueológica concentrou-se apenas na sondagem II por ser a única onde foram identificados contextos da Idade do Bronze. Neste trabalho serão privilegiados os dados relativos a este período cronológico. No entanto, não deixaremos de mencionar os dados relativos à ocupação tardo-antiga e islâmica.

Na sondagem II, após a remoção mecânica da camada superficial, foram identificadas 17 estruturas

negativas (fossas), 12 atribuíveis ao Bronze Final e 5 sepulturas tardo-romanas ou islâmicas que não foram intervencionadas. Por motivos de sistematização dos dados, esta sondagem foi subdividida em 3 áreas. A primeira localiza-se na extremidade norte da sondagem e inclui o alargamento Este; a segunda situa-se na extremidade Sul e a terceira sensivelmente a meio da sondagem e inclui o alargamento Oeste, perpendicular à sondagem inicial (Fig. 7 e 8).

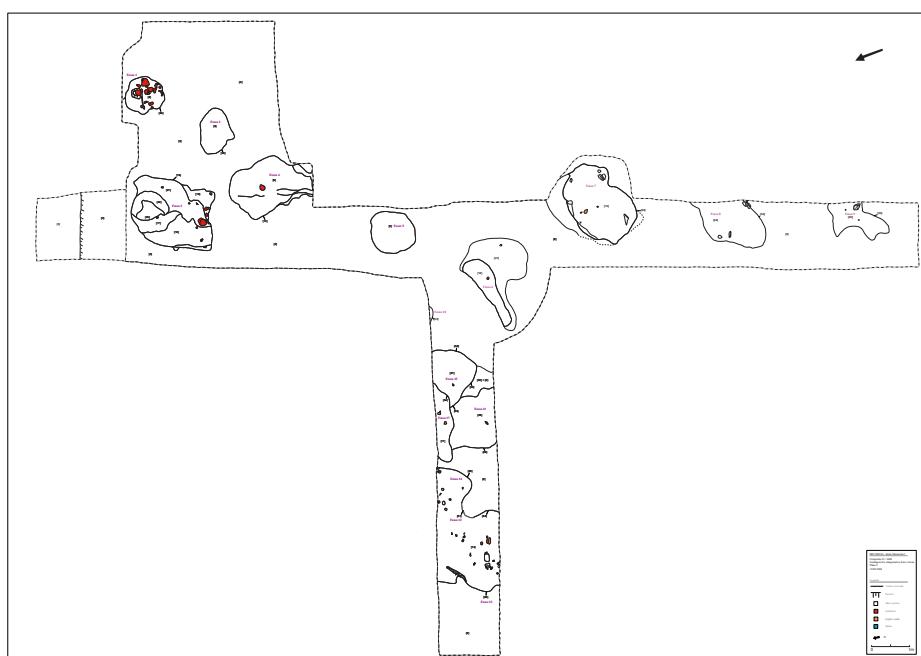


Fig. 7: Planta geral da sondagem II com a localização das 3 áreas

## 2.2 A ocupação do Bronze Final

Os vestígios de ocupação do Bronze Final concentram-se nas áreas 1 e 2 da sondagem II. Na primeira foi identificada uma concentração de 5 fossas, de morfologias distintas e de difícil interpretação, devido ao seu mau estado de conservação e às características dos seus conteúdos (Fig. 8).



Fig. 8: Excerto da planta geral da sondagem II com as áreas 1 e 2

A Fossa 1 encontrava-se bastante destruída pela acção da charrua, de cuja passagem eram ainda visíveis no terreno sulcos profundos que rasgaram o nível arqueológico. Corresponde a uma depressão escavada no substrato geológico, que se encontrava bastante destruída e da qual resta apenas a base, de contorno circular irregular e fundo mais ou menos aplanado (100 x 96 cm). Conservava uma profundidade máxima de 12 cm. Era preenchida por um único depósito que embalava uma quantidade significativa de fragmentos cerâmicos pertencentes a um número restrito de objectos e recipientes atribuíveis à Idade do Bronze, do qual se destacam um fragmento de queijeira ou coador e um fundo de recipiente de grandes dimensões, sendo de notar a aparente ausência de ornatos brunidos (Fig. 9).

As fossas 2 e 5 podem enquadrar-se na categoria de fossas tipo "silo" (Santos et al., 2008) Trata-se de duas estruturas com profundidades entre os 0,60 cm e 1 metro, com preenchimentos homogéneos e sem deposições diferenciáveis (Fig. 10). O seu conteúdo artefactual



Fig. 9: Vista do topo conservado da fossa 1 onde é visível o rasgo provocado pelo arado

é escasso, composto sobretudo por fragmentos de grandes recipientes e de algumas taças carenadas e onde estão ausentes as cerâmicas de ornatos brunidos. Embora escassos, apresentam alguns seixos, lascas e elementos de moagem manual.



Fig. 10: Planos finais das fossas 2 e 5, respectivamente

A fossa 3 corresponde a uma depressão pouco profunda escavada no substrato geológico, de planta aproximadamente quadrangular (2,1 x 1,6 m) e que tinha no seu interior uma estrutura de combustão. A camada superficial era pouca expressiva em algumas zonas e embalava uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos de fabrico manual, mas também vários

fragmentos de construção (*imbrices*) relacionados com eventuais sepulturas tardo-romanas e que testemunham o grau de destruição do sítio. No interior da fossa foi identificada uma estrutura de combustão em covacho, de forma semicircular e de secção irregular, de diâmetro máximo de 114 x 118 cm e 24 cm de profundidade máxima conservada.



Fig. 11: Fossa 3 com estrutura de combustão

A estrutura de combustão, que encosta às paredes N e W da fossa, apresenta no interior uma camada alaranjada que cobre e reveste a interface e que forma, no seu contorno, um rebordo mais elevado. Esta camada foi subdividida em duas unidades, porque apresenta características distintas, uma vez que na metade NE se apresentava com uma cor castanha alaranjada muito evidente e que a metade NW se apresentava um pouco mais solta e com um sedimento quase negro. No entanto, esta diferença pode resultar, em parte, de fenómenos pós-deposicionais, nomeadamente da raiz de árvore queimada que atravessa esta metade e que poderá ter causado a depressão observada no topo

desta unidade e o sedimento escuro que a preenche (Fot. 11 e 12). No centro da estrutura de combustão foi identificado um conjunto de fragmentos de argila cozida, que se concentrava principalmente junto da metade NW, bem como um sedimento mais fino e pulverulento, de cor cinzenta, a U.E. [26], que contém fragmentos de argila cozida e uma componente artefactual muito escassa, da qual se destaca um pequeno exemplar com decoração de ornatos brunidos na superfície externa. Não foram identificados quaisquer restos de carvão ou outros ecofactos associados, tanto à fossa, como à estrutura de combustão.



Fig. 12: Pormenores da estrutura de combustão

Em toda a **fossa 3** foi identificado um sedimento castanho claro, fino e homogéneo, a U.E. [25], que apresenta características muito semelhantes à do substrato geológico, que contém alguns fragmentos cerâmicos, ainda que em número reduzido. Esta unidade é mais expressiva do lado Este da estrutura de combustão, corresponde ao primeiro enchimento da fossa e deverá representar um nível de preparação do fundo da mesma para as actividades aí praticadas e provavelmente um nível de piso.

Neste momento, não é possível atribuir uma funcionalidade específica para a fossa, nem para a estrutura de combustão. Não sabemos se estamos perante um forno ou uma lareira associada a actividades domésticas. No conjunto da fossa regista-se a presença de cerâmica manual, grandes recipientes de armazenagem, vasos e taças e alguns exemplares de ornatos brunidos.

A **fossa 4** foi identificada no canto sul do alargamento Este e prolongava-se para fora da área de escavação, o que levou a que fosse feito um pequeno alargamento. Esta fossa – U.E. [21] - é pouco profunda, apresenta planta e perfil muito irregulares, sendo extremamente difícil definir os seus limites. Continha abundantes raízes e buracos, que podem corresponder a tocas de animais, assim como algumas pedras e nódulos de calço. Junto ao

corte Sudeste existia uma depressão acentuada na qual foi recolhido algum espólio cerâmico. Esta depressão, mesmo após o alargamento, continuava a prolongar-se para fora do corte. Dada a morfologia desta depressão, a quantidade de raízes e de algumas pedras e nódulos de calço, considera-se que tanto a depressão como a irregularidade da fossa podem resultar de fenómenos de bioturbação, provocados pela acção das raízes de uma árvore que existiria no local (a mesma que afectou a fossa 3) e às quais se poderá associar a escavação de tocas de animais e o consequente arrastamento de materiais.

Desde o topo do preenchimento verificou-se o que aparentava ser um veio de calço de cor esbranquiçada que, embora não sendo contínuo, parecia atravessar esta unidade, dividindo-a em duas partes. No entanto, apenas na extremidade Norte se individualizaram com maior clareza dois espaços que parecem formar dois pequenos compartimentos divididos pelo veio de calço acima mencionado (Fig. 13). No “compartimento” NW recolheram-se alguns seixos rolados de pequena dimensão, um elemento de mó movente e 2 pequenos restos de carvão que assentavam no substrato geológico. No lado Este, os materiais arqueológicos são mais abundantes e contam com fragmentos cerâmicos, alguns com decoração de ornatos brunidos, e com raros restos faunísticos de pequena dimensão.



Fig. 13: Plano final da fossa 4 onde é visível a sua irregularidade e o “veio” de calço

No **alargamento Oeste**, marcado a meio do comprimento da Sondagem II, coincidindo com a área de maior concentração de manchas sedimentares castanhas ou acinzentadas escuras e de testemunhos artefactualis de superfície cronologicamente enquadrados na Idade do Bronze, foi identificado um conjunto mais complexo de interfaces (designados como fossas) e depósitos que se sucedem e se truncam, por vezes, mutuamente (Fig. 8 e 14).

Foram registadas 7 fossas atribuíveis ao Bronze Final, com base na componente artefactual, algumas das quais correspondem a pequenas depressões com um único depósito de preenchimento. A leitura e interpretação desta área são obliteradas não só pela aparente dinâmica do espaço como pelo facto de não ter sido possível realizar a escavação integral das mesmas devido às condicionantes da autorização dos proprietários já mencionadas.



Figura 14: Vista de Este do alargamento Oeste, área 2 - os traços escuros são marcas do arado

Embora sem significado crono-cultural foi possível distinguir, a partir das relações estratigráficas, 4 fases ou momentos integrados no Bronze Final e uma 5<sup>a</sup> relacionada com a ocupação tardo-antiga.

As “fossas” mais antigas serão as **fossas 10 e 11** que apresentam um único depósito em cada uma e que parecem corresponder a pequenas depressões escavadas no substrato geológico. O conteúdo material da **fossa 10** é escasso, com destaque para um vaso com asa vertical perfurada horizontalmente para suspensão, com decoração de ornatos brunidos formando motivos geométricos e para uma taça carenada de média dimensão com ornatos brunidos geométricos, para além de um percutor e uma lasca e rara fauna mamalógica. A **fossa 10** é aparentemente cortada pela **fossa 12** (Fig.

8 e 15).

A **fossa 11** é também preenchida por um único depósito [29], um sedimento castanho, argiloso e compacto, artefactualmente estéril no segmento escavado. Esta fossa e o seu depósito são cortados num primeiro momento pela **fossa 15**, depois, durante a Fase 4, pela **fossa 17** e, finalmente, na fase 5, pela acção destrutiva que originou o depósito [12], enquadrável já no período tardo-romano, desconhecendo-se, por ora, o lapso de tempo entre estas fases e as reformulações do espaço que traduzem (Fig. 8 e 16).

Da possível **fossa 12**, e da segunda fase, restará uma zona muito pequena, à qual está associado também um único depósito, na medida em que foi posteriormente truncada pelas **fossas 13 e 14** (Fig. 8 e 15).

A fase 3 engloba as **fossas 13, 14 e 15** e sublinha-se que estamos perante um faseamento relativo, dado que estas fossas não são necessariamente contemporâneas, destacando-se o facto de não existir nenhuma relação estratigráfica directa entre a **fossa 13** e as **fossas 14 e 15** (Fig. 8 e 15).

A designada **fossa 13** é preenchida por uma unidade sedimentar com escasso conjunto artefactual, incluindo apenas nove fragmentos de cerâmica manual (distribuídos entre um fundo plano de recipiente de armazenagem de média / grande dimensão e bojos de grandes recipientes de armazenagem lisos e escovados – ou *cepillados*, para usar o conceito em voga na terminologia castelhana) (Fig. 8 e 15).

A **fossa 14** é mais profunda do que as anteriores e é preenchida por dois depósitos horizontais, um de base, com materiais enquadráveis no bronze Final, sobreposto pela U.E. [41], que continha uma grande quantidade de fragmentos de cerâmica manual, destacando-se uma taça carenada de perfil quase completo com ornatos brunidos geométricos de fina espessura e, no topo conservado deste depósito, que poderá ter correspondido a um piso, localizou-se uma das duas partes de uma peça cerâmica de formato triangular (Fig. 19), cuja segunda

metade foi recolhida na U.E. [1], o que testemunha o grau de destruição provocado pela lavra mecânica e, anteriormente, pela acção que originou o depósito [12]. A **fossa 14** (em particular o seu depósito superior - U.E. [41]) foi cortada pela **fossa 17**, igualmente responsável pela destruição parcial das **fossas 11 e 15**. Na fase 5, o fenómeno destrutivo responsável pela formação do depósito [12], truncou o segmento superior da **fossa 14** (nomeadamente da interface [59] e do depósito [41]) (Fig. 8 e 15).

A **fossa 15** corresponde também a uma ligeira depressão escavada no substrato geológico preenchida por apenas um depósito que continha cerâmica manual, lisa na sua maioria, alguns exemplares apresentando ornatos brunidos com decoração geométrica e três grandes recipientes de armazenagem *cepillados*. Esta fossa, bem como o seu preenchimento, foram cortados, na Fase 4, pela **fossa 17**, e na fase 5, pela acção destrutiva que originou o depósito [12]. A limitada informação proporcionada por esta fossa, em virtude da reduzida dimensão preservada e escavada (já que se prolonga sob o perfil N-NE), impede alcançar com segurança a sua funcionalidade e mesmo a sua tipologia (Fig. 8 e 16).

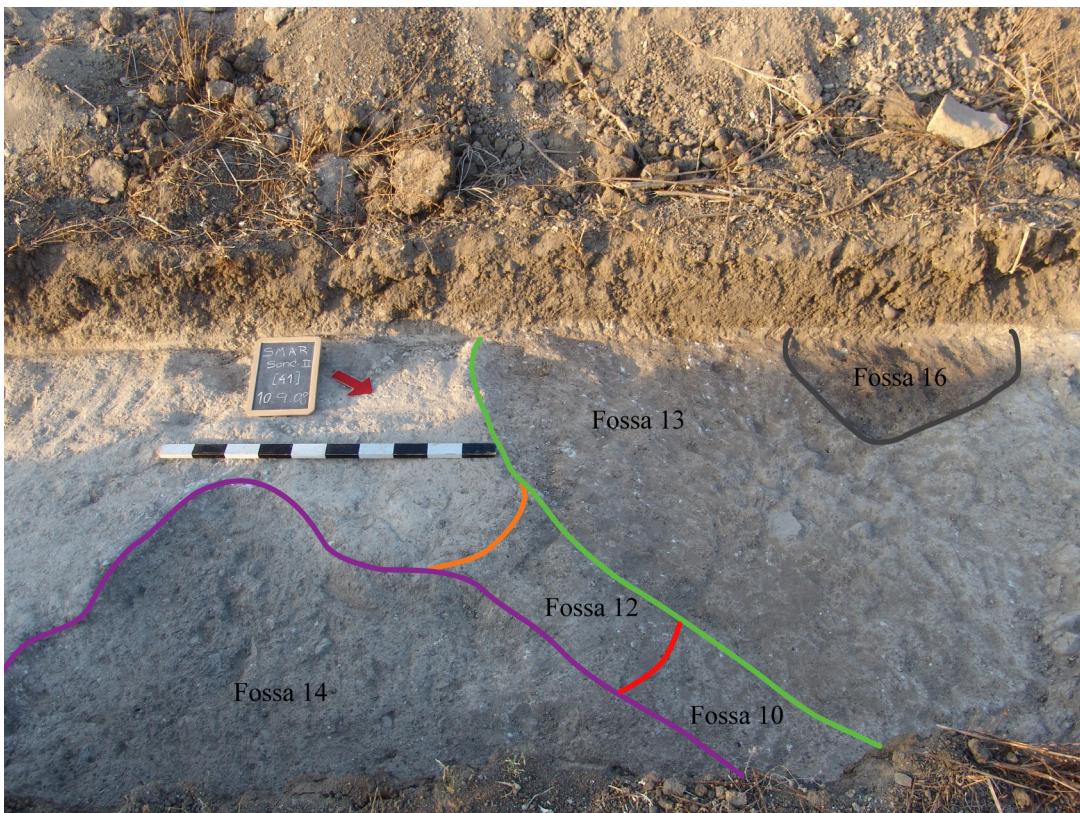


Fig. 15: Alargamento Oeste - fossas 10, 12, 13, 14, 16

Na 4<sup>a</sup> fase estão integradas as **fossas 16 e 17**. A **fossa 16** corresponde à interface [43] e é preenchida pelo depósito [42], que conhece uma disposição horizontal e é caracterizado por um sedimento castanho claro, argiloso, fino, depurado e compacto que integrava escassos fragmentos de cerâmica manual (5), destacando-se apenas um de uma taça carenada de média dimensão com ornatos brunidos formando motivos geométricos. A **fossa 16** corta a interface [60] e o depósito de preenchimento [44] da **fossa 13** da Fase 3, encontrando-se, por sua vez, cortada pela acção destrutiva que originou o depósito [12] da Fase 5. Ponderando a sua morfologia, a sua dimensão preservada e a natureza detritica do seu depósito, será mais acertado considerar esta fossa como lixeira e / ou silo.

A **fossa 17** corresponde à interface [54] e é preenchida pelo depósito [11], que conhece uma disposição horizontal e é caracterizado por um sedimento castanho claro, argiloso, fino e compacto. Incluiu alguns

nódulos reduzidos de caliço (oriundos certamente da escavação do substrato geológico), que preenchia uma depressão estreita e profunda da rocha (Fig. 8 e 16). Continha um conjunto artefactual muito numeroso, com destaque para uma elevada quantidade de fragmentos de cerâmica manual de recipientes de armazenagem de média e de grande dimensão, lisos (realçando-se a existência de um esférico com mamilo horizontal alongado), *cepillados* e com decoração geométrica de ornatos brunidos (sublinhando-se neste último caso a presença de um fundo plano - para além de uma taça carenada com ornados brunidos geométricos). Acrescem ainda à cultura material alguns nódulos de argila cozida e quatro pequenos seixos rolados. A **fossa 17** corta as **fossas 11 e 15** e é truncada pela acção destrutiva que deu origem ao depósito [12] da fase 5. Mais uma vez, a reduzida área escavada desta fossa, que se prolonga pelo perfil N-NE, dificulta a sua interpretação morfológica, tipológica e funcional.



Fig. 16: Alargamento Oeste - fossas 11, 15 e 17

Esta área foi ainda afectada pela interface de destruição que está na origem de formação de um depósito designado U.E. [12] que contém uma elevada quantidade de cerâmica fragmentada, representada

tanto por diversos recipientes do Bronze Final (que constituem a maioria), como por recipientes e por material de construção de época romana ou tardo-romana, para além de seixos rolados e de uma lasca. A esta fase

estará também associado a interface designada como **fossa 18** que deverá corresponder a uma sepultura tardo-romana ou paleocristã.

É possível que a formação do depósito [12] esteja associada ao momento de ocupação funerária de épocas tardo-romana e islâmica de Santa Margarida,

altura em que se terá eventualmente procedido a uma decapagem generalizada de uma grande parte do terreno para a instalação da necrópole e concretamente para a escavação das sepulturas (nomeadamente das **fossas 6 a 9 e 18**), tendo sido depois novamente colmatada com o mesmo sedimento.

### 2.3. Os vestígios tardo-romanos e islâmicos

Como já foi referido, na **sondagem III** foram identificadas duas prováveis zonas com vestígios tardo-romanos e/ou islâmicos. A primeira mancha apresenta planta aproximadamente quadrangular, com cerca de 1 x 0,8 m, prolongando-se para fora do corte; o sedimento tem cor castanha alaranjada, é relativamente solto e embala materiais cerâmicos de cronologia provavelmente tardo-romana. A segunda mancha localiza-se na extremidade Norte da sondagem, prolongando-se para fora dos seus limites, apresenta também sedimento castanho alaranjado e contém materiais cerâmicos, dos quais se vislumbravam fragmentos de *imbrices* dispostos na

horizontal.

Na sondagem II foram designadas como fossas realidades que se verificou corresponderem a sepulturas de provável cronologia tardo-antiga ou islâmica e que não foram intervencionadas, nomeadamente as **fossas 6, 7, 8, 9 e 18** (Fig. 7), já referidas.

No caso das **fossas 7, 8 e 9** foi iniciada a escavação das manchas de terra que, embora com algumas reservas, aparentavam ser fossas, na medida em que continham alguns fragmentos de cerâmica manual da Idade do Bronze - muito escassos e de pequenas dimensões (Fig. 17).



Fig. 17: Fossas 7, 8 e 9. Sepulturas tardo-romanas ou islâmicas



Após terem sido identificadas lajes em cutelo, optou-se por avançar com a escavação apenas na **fossa 7**, tendo vindo a verificar-se que as lajes correspondem à cobertura de sepulturas que, pelas suas características e orientação, poderiam ser tardo-romanas ou islâmicas. As lajes tombadas para o interior da sepultura, a presença de ossos soltos e os escassos dados da escavação parecem apontar para a possibilidade de o interior da sepultura ser originalmente oco, ou predominantemente oco, e de ter vindo a ser preenchido pelas terras de cobertura na sequência de vários fenómenos pós-depositacionais e de várias afectações, designadamente a última provocada pelo arado. Face aos dados em presença, procedeu-se ao registo das realidades identificadas e a escavação

destas depressões foi abandonada por não se enquadrar no âmbito do projecto.

As **fossas 6 e 18** foram desde logo interpretadas como sepulturas e apenas se procedeu à sua delimitação e limpeza para registo. A **fossa 6** corresponde a uma depressão estreita e comprida escavada no substrato geológico, com orientação E-W (Fig. 8 e 18) e da **fossa 18** apenas foi aflorado um reduzido segmento da cabeceira. A sepultura localiza-se integralmente sob o perfil N-NE. Embora não apresentem vestígios de cobertura, não é de excluir a hipótese que fossem cobertas por *imbrices* atendendo à quantidade de fragmentos identificados na camada superficial, alguns deles apresentando digitações.

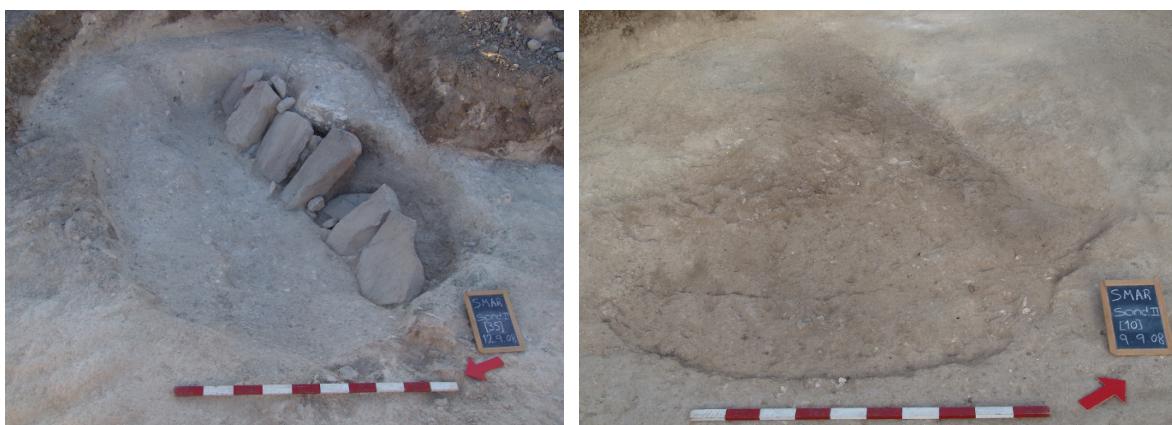


Figura 18: Fossa 6

Aquando das recolhas superficiais a que se procedeu após a lavoura profunda realizada algum tempo antes da escavação arqueológica, e já referida, era aparente, dada a quantidade grande de tijolos e de alguns ossos humanos espalhados à superfície, a existência de sepulturas parcial ou totalmente destruídas no topo do outeiro, a Oeste da zona onde se realizaram as sondagens II e III, a meia distância entre estas e a igreja

de Santa Margarida. Foram recolhidas duas amostras de ossos (SMARG1 e SMARG2) correspondendo, aparentemente, a duas sepulturas diferentes, as quais foram datadas pelo radiocarbono. Da Fossa 7, foi também recolhida uma amostra (SMARG09), também datada pelo mesmo método. Os resultados encontram-se no Quadro seguinte:

Ref. Lab.	Ref. Amostra	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	Data $^{14}\text{C}$ (BP)	Data calibrada (cal AD)	
				1 $\sigma$	2 $\sigma$
Sac-2376	SMARG1	-19,5	1410±60	585-666	536-720
Sac-2383	SMARG2	-19,7	1160±50	688-883	654-981
Sac-2408	SMARG09	-20,0	1230±90	780-960	769-990

A calibração foi efectuada fazendo uso da curva IntCal09 (Reimer et al., 2009). Os valores obtidos sugerem uma cronologia paleocristã para a amostra SMARG1 e islâmica para as outras duas amostras.

A utilização do núcleo 1 Santa Margarida como necrópole, algures entre os séculos VI e X, vem, assim, acrescentar-se aos vestígios já conhecidos para os vários núcleos, designadamente uma ocupação rural à qual estaria associada a pizarra visigótica com inscrição numérica, recolhida à superfície e cuja cronologia se situa entre o final do século V e meados de 700 e uma

provável *villa* paleocristã (Soares, 2005, Dias e Soares, 1988-1989 e Tente e Soares, 2008). A presença islâmica é também atestada, podendo as sepulturas desta época, identificadas no núcleo 1, ser associadas com os vestígios islâmicos, nomeadamente cerâmicas dessa época, recolhidas no núcleo 3. Nesta longa diacronia de ocupações do outeiro de Santa Margarida é inevitável recordar a existência no local de uma ermida, com forma de cubo, dedicada a Santa Margarida, santa mártir do século III.

### 3. CONJUNTO MATERIAL

São ainda preliminares as apreciações que se podem efectuar sobre o conjunto artefactual recuperado na campanha de 2008, uma vez que o seu estudo sistemático ainda não foi realizado.

No conjunto cerâmico do Bronze Final já publicado, recolhido em prospecção superficial, adquirem destaque os esféricos e outros recipientes lisos com mamilos alongados, os recipientes carenados e, sobretudo, as peças com ornatos brunidos (Soares, 2005), destaque este confirmado pela escavação arqueológica, mantendo-se válidas as observações relativas aos motivos decorativos publicadas em 2005. Os motivos decorativos são quase exclusivamente geométricos, com a excepção de uma peça (proveniente de recolha de superfície), na qual parece ter sido representado, de forma esquemática (e, ainda assim, com base geométrica) um motivo zoomorfo, fenômeno particularmente raro no universo decorativo

das cerâmicas de ornatos brunidos do Sudoeste Peninsular (Soares et alii, 2009: 450-451) (Fig. 21). Há ainda a acrescentar a recolha de dois exemplares, estes em escavação, com decoração geométrica no exterior, no fundo das peças (*Idem, Ibidem*).

O conjunto cerâmico está também representado por cerâmica brunida lisa, por alguns fragmentos de cerâmica *cepillada* pertencentes a recipientes de armazenagem de grande dimensão, por um fragmento de queijeira ou coador e por uma peça de formato triangular com perfuração central e nas extremidades, que datamos do Bronze Final pelo contexto em que se insere. Apresenta, no entanto, dificuldades de atribuição tipológica, de interpretação funcional e de identificação de paralelos, mas que se equaciona poder estar relacionada com a fiação ou a tecelagem (Fig. 19).



Fig. 19: Peça triangular com perfuração central e nas extremidades



Fig. 20: Objecto metálico

Apesar de se tratar de uma análise preliminar, parece existir uma diferenciação ao nível do conjunto cerâmico entre as fossas da área 1 e da área 2, uma vez que na segunda, tanto as cerâmicas de ornatos brunidos, como os decorados a *cepillo* estão melhor representados, aspecto que poderá estar relacionado com a organização do espaço e a prática de diferentes actividades, ainda pouco caracterizadas.

Por outro lado, e ainda ao nível da cultura material, é de notar em Santa Margarida a ausência ou a fraca

representação de alguns elementos, nomeadamente: a presença de raras lascas e alguns fragmentos de seixos, mas os elementos de foice, tão característicos da Idade do Bronze, estão ausentes; a escassez de elementos relacionados com a moagem (apenas 2 fragmentos – 1 dormente e 1 movente); a quase total ausência de fauna e de carvões, que pode ter uma explicação tafonómica; a ausência de indicadores relacionados com a metalurgia; um único objecto metálico, recolhido à superfície, sem quaisquer vestígios de uso (Fig. 20).

Com colecções tão numerosas e diversificadas como as de Santa Margarida, destacam-se, no contexto regional, os conjuntos de cerâmicas de ornatos brunidos do Castro dos Ratinhos e de Entre Águas 5 (em Moura e Serpa, respectivamente). No entanto, nestes, os tipos de

artefactos ausentes ou raros em Santa Margarida estão presentes a atestar a existência de populações que aí habitavam em permanência (Ratinhos) ou sazonalmente (Entre Águas 5).

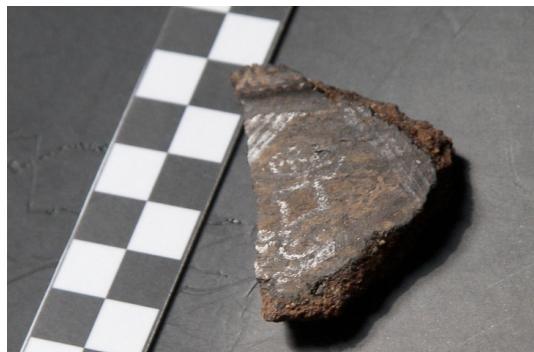


Fig. 21: Fragmento de peça com motivo decorativo não geométrico



Fig. 22: Fragmentos de peças com decoração no fundo exterior

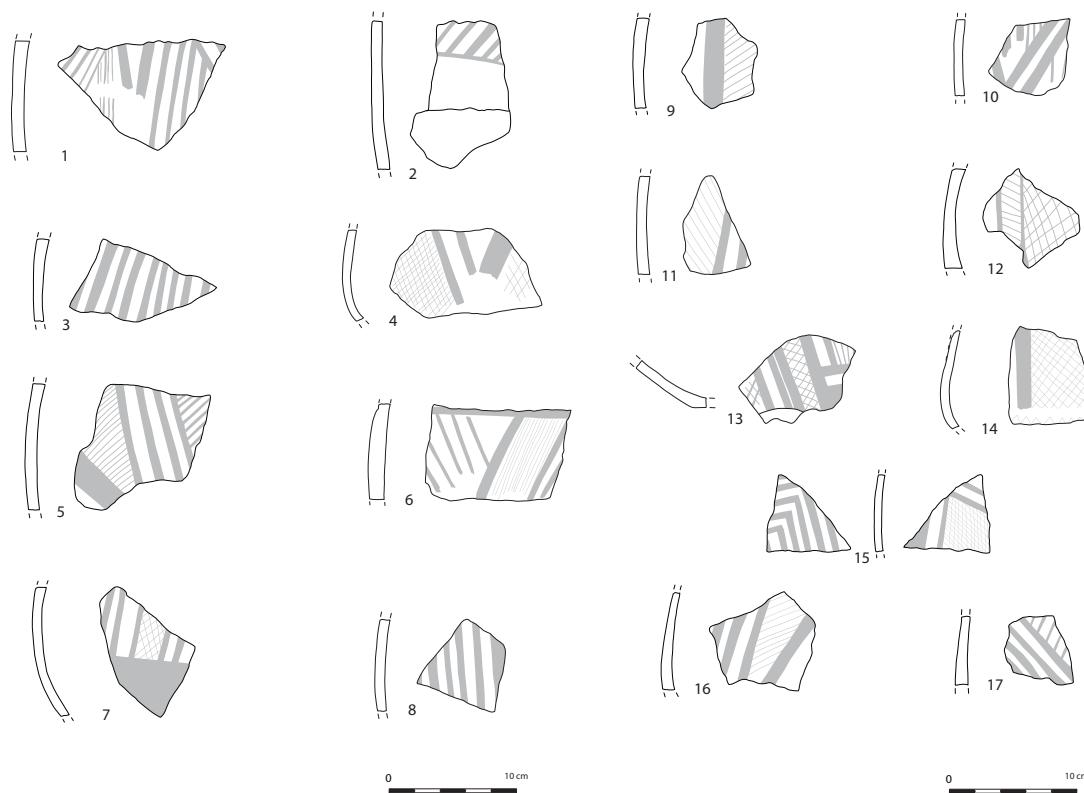


Fig. 23: Cerâmica de ornatos brunidos

## 4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere às estruturas identificadas, verifica-se que são predominantemente fossas de pequena dimensão, com secções e plantas muito irregulares e pouco profundas. Embora se possam enquadrar tipologicamente as fossas 2 e 5 na categoria de fossas “silo”, verifica-se que a sua morfologia é um pouco diferente de fossas identificadas em outros sítios da região.

Para a maioria das fossas intervencionadas os dados são bastante escassos e não permitem efectuar, de momento, interpretações seguras sobre a sua utilização e abandono e sobre os processos que levaram à formação dos seus conteúdos. Regista-se a presença de fossas utilizadas, na sua última função, como prováveis vazadouros, atendendo ao seu preenchimento detritico - fossas 1, 10 e 11 -, de fossas cuja função original se desconhece mas que poderia ser de armazenagem e que não terão sido utilizadas como fossas detriticas – fossas 2 e 5 -, e uma fossa que contém ainda indícios *in situ* da sua utilização primária (uma estrutura de combustão) e de um provável piso - fossa 3. A classificação da fossa 3 como pertencendo a um “fundo de cabana” é uma possibilidade. No entanto, devido à sua reduzida dimensão, e atendendo às restantes fossas, não será de excluir que as mesmas possam pertencer, no seu conjunto, ao que resta de um “fundo de cabana” ou de um espaço mais abrangente que integrava diversas zonas funcionais. É ainda de assinalar que nas áreas intervencionadas não foram identificadas estruturas positivas nem buracos de poste, o que não é de admirar tendo em conta a lavoura profunda realizada pouco tempo antes da intervenção arqueológica.

No contexto dos sítios abertos que têm sido intervencionados nos últimos anos na margem esquerda do Guadiana, Santa Margarida aproxima-se mais, ao nível da cultura material, de Entre Águas 5, também um povoado aberto, sazonal, e onde se regista igualmente a presença significativa de cerâmicas de ornatos brunidos, mas onde os vestígios da prática da agricultura e da metalurgia estão bem presentes.

Entre as lacunas mais significativas está a ausência de material orgânico (faunas, carvões, sementes), pelo que não foi possível obter datações absolutas, o que frustrou as expectativas relativas à determinação de cronologias para as cerâmicas de ornatos brunidos e para o esclarecimento do seu carácter como indicador cronológico para o Bronze Final do Sudoeste.

A presença quase exclusiva de cerâmica no conjunto artefactual de Santa Margarida (proveniente de superfície e de escavação) e, dentro deste, a preponderância de ornamentação brunida, a raridade de testemunhos de actividades domésticas ou produtivas (agricultura, moagem, metalurgia) usuais neste tipo de sítios, em associação com a aparente ligação que o sítio manifesta ter relativamente ao elemento água (situado entre os barrancos da Carelinha e de Santa Ana, sendo este último uma fonte de água permanente), permite-nos continuar a equacionar a possibilidade de Santa Margarida configurar um sítio onde se praticavam, porventura de um modo descontínuo no tempo, rituais relacionados com a água aos quais estariam associadas as cerâmicas de ornatos brunidos (Soares *et allii*, 2009: 251).

## BIBLIOGRAFIA

Antunes, Ana Sofia, Deus, Manuela, Soares, António M. Monge, Santos, Filipe, Arêz, Luis, Dewulf, Joke, Baptista, Lídia e Oliveira, Lurdes (2012) - “Povoados abertos do Bronze Final no Médio e Baixo Guadiana”, *Sidereum Ana II. El Rio Guadiana en el Bronce Final. Anejos de AEspa LXII*, Mérida, pp. 277-308.

Deus, Manuela, Antunes, Ana Sofia e Soares, António M. Monge (2010): “Salsa 3 no contexto dos povoados abertos do Bronze Final do Sudoeste (Serpa)”, *IV Encontro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Aracena. 27-29 Noviembre 2008*. Aracena-Lisboa. Ayuntamiento de Aracena-IGESPAR.

Dias, Maria Manuela Alves e Soares, António M. Monge (1988-1989) – “Os lateres «*ex officina* Vincinti» do Sul de Portugal”, *O Arqueólogo Português*, S. IV. 6/7, Lisboa Museu Nacional de Arqueologia: 263-267.

Lladron de Guevara Sanchez, Inmaculada; Sanchez Andreu, Milagrosa; Rodriguez de Zuloaga, Mercedes; Lazarich Gonzalez, Maria (1992) – “Materiales inéditos de Setefilla (Lora del Rio, Sevilla)”, *Spal*, 1, Sevilha, Universidade de Sevilha: 293.312.

- Reimer PJ, Baillie MGL, Bard E, Bayliss A, Beck JW, Blackwell PG, Bronk Ramsey C, Buck CE, Burr GS, Edwards RL, Friedrich M, Grootes PM, Guilderson TP, Hajdas I, Heaton TJ, Hogg AG, Hughen KA, Kaiser KF, Kromer B, McCormac G, Manning S, Reimer RW, Richards DA, Sounth JR, Talamo S, Turney CSM, van der Plicht J, Wehenmeyer CE. 2009. IntCal09 and Marine09 Radiocarbon Age Calibration Curves, 0-50,000 Years cal BP. *Radiocarbon* 51(4):1111-50.
- Santos, Filipe J.C.; Arez, Luis; Soares, António M. Monge; Deus, Manuela de; Queiroz, Paula F.; Valério, Pedro; Rodrigues, Zélia; Antunes, Ana Sofia; Araújo, Maria de Fátima (2008). O Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora): um sítio de fossas “silo” do Bronze Pleno/Final na Encosta do Albardão. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11(2), 55-86.
- Soares, António M. Monge, Santos, Filipe J., Dewulf, Joke, Deus, Manuela e Antunes, Ana Sofia (2009) – “Práticas rituais no Bronze do Sudoeste: alguns dados”, *II Colóquio de Arqueologia. Práticas Rituais entre o IV Milénio e o I Milénio a.C. no território português. Sociedade de Geografia de Lisboa. 3 de Dezembro de 2008. Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras.
- Soares, António M. Monge (2005) – Os Povoados do Bronze Final do Sudoeste na Margem Esquerda Portuguesa do Guadiana. Novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol 8, número 1, p. 111-145.
- Tente, Catarina e Soares, António M. Monge (2008) – “Uma pizarra visigoda com inscrição numérica encontrada em Santa Margarida (Serpa)”, *Arqueologia Medieval*, 10, Lisboa, Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento: 13-19.